



A formação do sentido como produto da atividade semiótica

Selma Aparecida Ferreira da Costa

Universidade de Uberaba – UNIUBE, Brasil
Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, Brasil

RESUMO

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa de Doutorado cuja finalidade é analisar as formas como a criança se apropria dos significados culturais convencionalmente elaborados pela sociedade, convertendo-os em sentidos pessoais, tendo a linguagem como mediadora deste processo. A compreensão acerca do modo como acontece a conversão do social e o cultural e a dinâmica deste processo na formação das funções psíquicas superiores torna-se relevante para a compreensão do conceito de mediação semiótica. Elucidar o modo como a criança utiliza a palavra em situações que lhes exigissem a formação de um conceito de significação e a generalização desse processo na comunicação com o outro social, nos fornece elementos para organizar situações sociais de desenvolvimento do pensamento efetivamente desenvolventes. A análise subsidia-se no método instrumental histórico genético e na Teoria Histórico-Cultural, com a finalidade de ressaltar o papel da linguagem na formação das funções psíquicas superiores. Os resultados revelaram que o processo de significação, mediado pela palavra, a partir de experiências culturais vivenciadas, possibilita à criança o desenvolvimento do pensamento verbal, e ascender da percepção imediata de objetos e fenômenos à percepção compreensiva da realidade circundante.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Desenvolvimento infantil. Mediação semiótica.

THE FORMATION OF SENSE AS A PRODUCT OF SEMIOTIC ACTIVITY

ABSTRACT

This article presents part of a PhD research whose purpose is to analyze the ways in which the child appropriates the cultural meanings conventionally elaborated by society, converting them into personal meanings, with language as a mediator of this process. The comprehension about how the conversion of the social and the cultural happens and the dynamics of this process in the formation of the higher psychic functions becomes relevant for the understanding of the concept of semiotic mediation. Elucidating the way the child uses the word in situations that require the formation of a concept of meaning and the generalization of this process in communication with the social other, provides us with elements to organize social situations of development of effectively developing thought. The analysis is based on the genetic historical instrumental method and the Historical-Cultural Theory, with the purpose of emphasizing the role of language in the formation of higher psychic functions. The results revealed that the process of signification, mediated by the word, from cultural experiences experienced, enables

the child to develop verbal thought, and ascend from the immediate perception of objects and phenomena to the comprehensive perception of the surrounding reality.

KEYWORDS: Education. Child development. Semiotic mediation.

LA FORMACIÓN DEL SENTIDO COMO PRODUCTO DE LA ACTIVIDAD SEMIOTICA

RESUMEN

Este artículo presenta parte de una investigación doctoral cuyo propósito es analizar las formas en que el niño se apropia de los significados culturales elaborados convencionalmente por la sociedad, convirtiéndolos en significados personales, con el lenguaje como mediador de este proceso. La comprensión sobre cómo ocurre la conversión de lo social y lo cultural y la dinámica de este proceso en la formación de las funciones psíquicas superiores se vuelve relevante para la comprensión del concepto de mediación semiótica. Dilucidar la forma en que el niño usa la palabra en situaciones que requieren la formación de un concepto de significado y la generalización de este proceso en la comunicación con el otro social, nos proporciona elementos para organizar situaciones sociales de desarrollo de pensamiento efectivamente desarrollado. El análisis se basa en el método instrumental histórico genético y la Teoría Histórico-Cultural, con el propósito de enfatizar el papel del lenguaje en la formación de funciones psíquicas superiores. Los resultados revelaron que el proceso de significación, mediado por la palabra, a partir de experiencias culturales experimentadas, permite al niño desarrollar el pensamiento verbal y ascender de la percepción inmediata de objetos y fenómenos a la percepción integral de la realidad circundante.

PALABRAS CLAVE: Educación. Desarrollo del niño. Mediación semiótica.

1 INTRODUÇÃO

Partimos da tese que o saber de uma geração se forma a partir da apropriação dos resultados da atividade cognitiva das gerações precedentes (Leontiev, 1978). Tais apropriações necessitam incorporar tanto as dimensões técnicas quanto as semióticas dos objetos materiais e imateriais da cultura, uma vez que os instrumentos culturais criados não carregam em si sua significação, o que prescinde de um processo de relação com o outro social mais experiente para que este processo possa se objetivar.

Apropriar-se da cultura é condição indispensável para o desenvolvimento da inteligência e personalidade, entretanto, as condições objetivas em que ocorre esse processo, influí sobre os diferentes níveis de produção de conhecimento dos quais o sujeito participa. Aprender é uma atividade humana, instigada por uma necessidade em integrar-se ao mundo, conhecê-lo e agir sobre ele. Ocorre que o mundo dos objetos da cultura e das relações sociais não se dá a conhecer de forma direta. É necessário a mediação de *instrumentos* orientadores das ações sobre os objetos, e os *signos* orientados para regular o psiquismo (Vigotski, 2000).

Dentre o sistema de signos a linguagem se destaca por sua dupla funcionalidade comunicativa e constitutiva das funções psíquicas superiores. O desenvolvimento deste processo é complexo, pois, a passagem da ordem biológica elementar de ação e pensamento à ordem superior de caráter simbólico acontece de forma não linear, porque, “embora a fala seja a porta de acesso à ordem simbólica, a criança já nasce inserida nela como objeto do discurso do outro. Desde o início ela é sujeito de ações *significantes* para o outro, o que a insere irremediavelmente no circuito do simbólico” (Pino, 1991, p. 36).

Isto significa que as atividades da criança, desde seu nascimento, desenvolvem-se num contexto de significantes socialmente convencionados, ou seja, suas ações e comportamentos são significados pelo outro social, num processo de interação que tem na palavra sua unidade de significação e formação do sentido. Neste contexto, partimos da questão norteadora deste estudo: Como a criança elabora sentidos pessoais para os significados culturais experienciados?

Nos limites deste texto, explicaremos a relação entre o pensamento e a palavra na formação da ideia, trazendo elementos que possam elucidar a interação entre a fala e as funções psíquicas, modificando-as, do ponto de vista de atos psicofisiológicos elementares, em direção à percepção verbalizada, ao pensamento verbalizado, à atenção verbalizada e à memória voluntária.

2 O CAMINHO EPISTEMOLÓGICO: MÉTODO INSTRUMENTAL SISTÊMICO SEMÂNTICO

Este artigo discute uma das experiências promovidas com um grupo de seis crianças de cinco anos de idade, durante a realização de uma pesquisa de Doutorado (2019), a qual tinha como propósito principal o estudo sobre o desenvolvimento da função simbólica da consciência na atividade da brincadeira de papéis sociais. Utilizamos uma das atividades desenvolvidas nesta pesquisa, com o objetivo de investigar o modo como se desenvolve o processo de significação das experiências culturais a partir da ação de transposição dos significados culturais elaborados em espaço público em direção ao espaço particular subjetivo de produção de sentidos, num recorte de tempo social, o qual nos permitiu ver o antes e o depois da visita ao Museu de Arte Sacra.

Denominamos a atividade desenvolvida *Visita ao Museu de Arte Sacra*, como um momento na pesquisa organizado para que as crianças pudessem se apropriar das produções culturais construídas pelas gerações precedentes, e, de forma dialética, pudessem desenvolver a sua atividade subjetiva de natureza criadora, ao recriar para si os sentidos dos objetos e suas

respectivas funções sociais. Esse momento representa a capacidade humana de criar meios técnicos e simbólicos para agir e interagir no meio social, modificando sua natureza.

Nesta atividade verificamos a forma como as crianças operavam com a palavra em situações que lhes exigissem a formação de um conceito de significação e a generalização desse processo na comunicação com o outro social. No processo de pesquisa, essa atividade representou uma “situação de transição” da observação sobre o modo de domínio e uso da palavra como forma de interação social e de organização interna de sentidos produzidos na atividade. Essa transposição do plano social para o plano pessoal somente é elucidada pela mediação semiótica. A situação de transição representa a passagem da fase de observação das atividades e interações sociais realizadas pelas crianças para o estágio de elaboração de ações pedagógicas interventivas desenvolvidas no experimento.

A sistematização metodológica do estudo caracterizou-se por uma intervenção pedagógica, organizada a partir dos princípios do método instrumental histórico genético elaborado por Vigotski (2010), sobre a relação mediatizada do comportamento humano, resultante da interação dialética e histórica de bases biológicas e culturais, possibilitando uma

[...] Análise que decompõe em unidades a totalidade complexa. Subentendemos por unidade um produto da análise que, diferente dos elementos, possui todas as propriedades que são inerentes ao todo e, concomitantemente, são partes vivas e indecomponíveis dessa unidade (Vigotski, 2010, p. 8, grifos do autor).

A partir dos princípios metodológicos de Vigotski (2010; 2000), elaboramos a metodologia do processo investigativo, designado como “*Método instrumental sistêmico semântico*”.¹ Por se tratar de uma investigação de natureza semiótica, o foco deste estudo centrou-se em evidenciar os indícios de ação da palavra como signo ideológico formador do pensamento simbólico em todo o processo investigado, configurando-se, em um método *instrumental* por considerar o signo como *instrumento mediador* entre o externo e o interno, tendo a palavra como unidade desse processo; *sistêmico* por apresentar indícios do *modo como se inter-relacionam* o signo verbal em relação às funções psíquicas envolvidas no processo de significação, como a percepção, a memória, o pensamento, a atenção; a imaginação; e *semântico* por considerar as criações *de sentido* realizadas nas ações e operações mentais respaldadas pela linguagem.

Neste contexto, projetamos a visita ao museu como sendo uma atividade integradora entre a cultura social cristalizada nos objetos sacros e a cultura subjetiva da criança, materializada nos significados construídos por ela a partir da relação com tais objetos, e

¹ Trata-se de uma metodologia desenvolvida pela pesquisadora Costa, S. A. F. (2019) baseada nos princípios do materialismo histórico dialético de Vigotski, que pudesse atender as necessidades epistemológicas da pesquisa.

objetivadas na da palavra, ou melhor, no signo verbal. Por se tratar de um espaço cultural em que as crianças nunca estiveram antes é que pudemos pensar nesta atividade como sendo o *marco zero* (baseada na pesquisa realizada por Pino, 2005, p.33) na relação entre a cultura como premissa e resultado do desenvolvimento humano.

A abordagem de análise dos dados gerados, utilizada neste estudo, foi o método indiciário, fundamentado no modelo “paradigma indicial” desenvolvido por Carl Gizburg (1989), o qual teve como princípio apreender as marcas subjetivas de elaboração dos significados a partir do real em direção ao ideal, à ideia, reproduzidas nos discursos e ações das crianças, durante a visita ao museu de arte sacra.

3 O SOCIAL E O CULTURAL EM INTERAÇÃO

A situação social de desenvolvimento configurou-se em um passeio com o grupo de crianças participantes da pesquisa Museu de Arte Sacra de Uberaba - MAS. O espaço físico corresponde a um templo cristão denominado “Igreja de Santa Rita”, construído em 1854, em arquitetura estilo barroco, e tombado como patrimônio histórico cultural da humanidade em 1939 pela SPHAN – Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. De sua construção até os dias atuais a igreja, hoje museu, passou por três restaurações em suas instalações, sendo a última em 2009.

A visita ao MAS teve como finalidade viabilizar vivências às crianças em um espaço que apresenta objetos culturais criados, portadores de sentidos e significados alusivos à determinada época e contexto histórico. Ao intermediar o conhecimento da criança com objetos simbólicos carregados de sentidos sociais diversos, foi possível observar a maneira como ela emprega a palavra (signo ideológico) em situações sociais de comunicação, em que o significado ainda lhe é desconhecido. Observamos os mecanismos lexicais e semânticos dos quais a criança lança mão para interagir com objetos e pessoas do contexto social. A técnica de captação dos dados, nesta atividade específica, constou de filmagem da visita, sob a condição de registrar em imagens apenas as crianças, a pesquisadora e a pessoa responsável por conduzir e explicar o significado histórico dos objetos culturais em exposição, não sendo permitido o registro em imagens dos objetos sacros. A direção do museu proibiu o registro da atividade por meio de fotografias, por ser essa uma normativa do IPHAN, no sentido de coibir a realização de réplicas das esculturas e obras artísticas sem devida autorização legal.

Ao chegarmos ao museu, fomos recepcionados pelo coordenador e pela guia turística encarregada de apresentar a história que existe por trás dos objetos culturais em exposição. As crianças demonstraram grande interesse, pois estavam em um ambiente novo, repleto de coisas

diferentes, carregadas de sentidos próprios que despertam a curiosidade em conhecer os fatos históricos impressos em cada símbolo cultural. Esta atividade promoveu o acesso das crianças a um acervo cultural desconhecido por elas, pois todas afirmaram nunca terem visitado um museu.

Após as devidas apresentações, o coordenador relatou de maneira breve às crianças um pouco da trajetória histórica dos fatos que culminaram com a transformação de um templo religioso em espaço para exposição de obras sacras. Em seguida, solicitou à guia turística que apresentasse as obras às crianças.

O trecho a seguir apresenta partes de um diálogo entre as crianças e a monitora que apresentava a elas aquele universo cultural. Nas falas é possível perceber indícios do modo de funcionamento da palavra como signo verbal na composição do conceito na criança pré-escolar. Essa atividade representou a possibilidade de compreender a dinâmica da integração entre duas consideráveis áreas semióticas: a sensorial e a simbólica, relação essa mediada pela palavra.

O passeio ao museu representou um momento de acesso da criança a um campo da cultura, concebida como sendo um conjunto de produções humanas portadoras de significações que devem ser apropriadas pelo indivíduo singular, para que se concretize sua constituição como ser cultural. Ocorre que, para ascender ao universo das significações, a criança precisa se apropriar dos meios de acesso a esse universo, ou seja, dos sistemas semióticos criados pelos homens no decorrer da história. Dentre os sistemas semióticos criados destaca-se a linguagem, por sua dupla funcionalidade mediadora, configurando-se como ferramenta externa de captação e transformação da realidade objetiva, e interna de elaboração de significação e generalização por meio do emprego de signos. Neste estudo, utilizamos o termo mediação

Para designar a função que os sistemas de *sinais* desempenham nas relações entre os indivíduos e destes com o seu meio. Mais especificamente, é utilizado para designar a função dos sistemas de *signos* na comunicação entre os homens e na construção de um universo sociocultural (Pino, 1991, p. 33; grifos do autor)

Vigotski (2000, p. 95) se refere de maneira análoga ao emprego de ferramentas como forma de libertar o homem de seus limites naturais, assim, também, o primeiro emprego de signos representa a condição para que o homem saia dos limites do sistema orgânico de atividade existente em cada função psíquica e alcance formas superiores de comportamento. A função simbólica resulta de transformações nas formas orgânicas de sensação, percepção, atenção, memorização, linguagem, pensamento e imaginação condicionadas pelo uso de signos e emprego de ferramentas, graças aos quais o comportamento torna-se consciente e planejado.

Abordar a questão da função simbólica em sua unicidade com a palavra significa buscar as raízes deste complexo processo nas formas sociais de atividade da criança, nas interações vivenciais mediadas pela linguagem que lhe permitem caracterizar, codificar e generalizar objetos e emoções. Os dados gerados pela experiência das crianças no museu, fornecem indícios sobre o modo como elas operam com a palavra na tentativa de formar a imagem mental dos objetos e situações, captados pela percepção sensorial imediata, buscando elaborar no pensamento as ideias de significações a fim de manter a comunicação com o adulto, valendo-se da memória como forma de estabelecer relações de sentidos e significados aos objetos desconhecidos.

É importante destacar que os textos correspondem à amostra de dados emergidos em situação social vivenciada, e se apresentam da maneira como surgiram verbalmente, sem a interferência de correções gramaticais.

3.1 INDÍCIOS DE SIGNIFICAÇÃO DOS OBJETOS POR MEIO DA CONSTRUÇÃO DE IMAGENS MENTAIS

Em determinado momento a monitora explicava às crianças sobre as três formas diferentes em que estava representada a réplica da antiga igreja que se transformara em museu: uma fotografia em preto e branco, outra foto colorida e uma maquete.

Monitora: Olhem essa imagem da igreja ali... [Aponta com o dedo.] ‘Tava bem estragada, não é? Essa imagem é de 1930, essa outra aqui é da década de 1940. Olha como ‘tá diferente hoje. Quando vocês chegaram aqui hoje, vocês não encontraram aquele portão ali, encontraram? Não encontraram aquele *cipestre* [Sic], encontraram?

Crianças: Não!!!

Monitora: Então... isso é porque, com o passar do tempo, ela foi mudando... Aí a gente consertou. ‘Tá vendo como ela ‘tava toda estragada? Então, aí, ela ficou fechada muito tempo. Depois a gente conseguiu arrumar. Quando o *bem* é assim, muito antigo, ele é *tombado*, daí a gente fala que restaurou.... Então a gente restaurou essa igreja.

Diogo: Que igreja é essa aí em cima? [Aponta para a fotografia em preto e branco].

Monitora: É a igreja Santa Rita, só que em 1930, essa fotografia. Essa aqui é de 1940.

Mateus: E essa? [Aponta para a fotografia colorida.]

Monitora: Essa daí é da mesma data, 1940, porque essa igreja aqui eles iam jogar ela no chão, pra não existir igreja...

Diogo: Por que eles queriam *tobar* ela no chão?²

² Fonte: Dados da pesquisa (Costa, 2019).

A fala das crianças aponta indícios do modo como tentavam reconstituir a percepção imediata das fotografias pela discriminação de elementos que unificassem as imagens percebidas. A formação da imagem mental do objeto é importante para que se estabeleça o processo de comunicação entre o adulto e a criança. O pensamento verbal em formação na criança pré-escolar, encontra-se no nível sensorial em ascensão ao simbólico, enquanto a monitora apresenta o nível generalizado de seu pensamento simbólico para explicar o sensorial. Vemos que o modo de uso das palavras acontece de maneiras diferentes para ambos. A palavra *cipestre*, por exemplo, foi apresentada como sendo do conhecimento e domínio das crianças, enquanto percebíamos por seus olhares interrogativos que elas desconheciam seu significado, o que as impossibilitou, momentaneamente de formar uma imagem mental que representasse a palavra *cipestre*, até que a monitora lhes apresentou o *cipreste* materializado em imagem fotográfica.

A palavra *bem* foi utilizada como substantivo pelo adulto, enquanto para criança pré-escolar a gramática semântica interna *bem* relaciona-se a adjetivações. Ao termo *tombado* é atribuído significado diferente do contexto, percebido pela fala de Diogo ao questionar o motivo pelo qual queriam tombar a igreja ao chão.

Em outro espaço do museu a monitora mostra às crianças fotografias da igreja antes da restauração e as compara às réplicas em gesso e cerâmicas produzidas por artesãos da região.

Mizael: Por que essa foto ali 'tá diferente?

Diogo: Essa é aquela... [Aponta para as duas réplicas.]

Monitora: É a mesma igreja. São *réplicas* dessa igreja aqui em que estamos...só que nessa foto aqui 'tá colorida, e na outra, não... essa é a diferença.

Vamos começar por essa *réplica* aqui da igreja, que foi feita quando a igreja completou 100 anos. As *réplicas* foram feitas para doar para as pessoas na cidade. Quantos anos eu falei que a igreja tem hoje? Quem lembra?

Crianças: Ixii....

Monitora: Cento e sessenta e???

Mateus: Nove.

Monitora: Três... [Risos.] Aqui, outra...e essa aqui? Outra *réplica*, né?

Eduardo: É tudo a mesma...

Monitora: Só que essa aqui é de cerâmica. Aquela ali que eu mostrei pra vocês é de gesso, essa aqui é de cerâmica e aquela outra lá fora é de cerâmica também, só que aquela é de cerâmica *vitrificada*. Vocês viram a diferença? Que ela é toda branquinha?

Eduardo: Essa aqui tá quase parecendo essa daqui... [Comparando a escultura que está de fora com a que está dentro da vitrine]

Mizael: Essa aqui é essa, ó...

Monitora: Não põe a mão, não. Tire a mão. [Coloca as mãos sobre as esculturas para protegê-las do toque das crianças.]³

Neste diálogo, não há correspondência de significados quanto às palavras: *restaurou*, *réplicas*, também não há em relação à diferenciação entre *cerâmica* e *cerâmica vitrificada*. Tocar os objetos, explorar suas características sensoriais, constitui parte do processo de desenvolvimento da percepção imediata em ascensão à percepção compreensiva, mediada pela palavra, cuja função é desmembrar as características do objeto, combiná-las e sintetizá-las. Vigotski e Luria (1984, p. 9) explica que

Esta relação natural primária entre percepção e movimento e sua inclusão em um sistema psicofísico comum se desintegra no processo de desenvolvimento cultural e é substituída por relações estruturais completamente distintas a partir do momento em que as palavras ou qualquer outro signo é introduzido entre as etapas iniciais e finais do processo reativo, de modo que toda a operação em seu conjunto adquire um caráter indireto, mediado.

No momento inicial, a percepção integra os campos sensoriais e motores na formação da operação intelectual de conhecimento do objeto cultural e sua utilização social, tendo no movimento de manipulação interligado à fala, a possibilidade de constituição do pensamento verbal. O momento da visita em que as crianças tentam tocar as peças expostas e são repreendidas pela monitora, configura-se num dificultador para a elaboração mental do significado dos objetos culturais, muitos dos quais as crianças viam pela primeira vez. As ações manipulatórias continuam assessorando a percepção de mundo da criança em idade pré-escolar.

Luria (1987, p. 32) explica a relação semântica entre o objeto e a palavra ao afirmar que a função principal da palavra é seu papel designativo, sua referência objetiva, uma representação capaz de substituir o objeto real. Entretanto, essa substituição ocorre pela evolução da linguagem em sua interação aos campos sensoriais, perceptivos, da memória, da atenção e pensamento, duplicando o mundo, dando ao homem a possibilidade futura de operar com a palavra em substituição ao objeto.

Martins (2015, p. 127) referenda os estudos de Luria sobre a formação das sensações e da percepção como processos cognitivos em que o autor explica que “mesmo em termos fisiológicos as sensações possuem caráter ativo e seletivo, integrando, inclusive, componentes motores à sua composição.” Isso significa que há uma ligação primária entre as reações sensoriais e as reações motoras em que uma determinada sensação prescinde de um tipo de movimento. A percepção é confirmada pela possibilidade em atribuir significado às impressões sensoriais e a unidade que se forma entre esses processos resulta na condição pela qual os

³ Fonte: Dados da pesquisa (Costa, 2019)

objetos e fenômenos da realidade são percebidos, e posteriormente, reelaborados em forma de criações mentais.

Na passagem citada da visita ao museu, não se efetiva o caráter ativo integral da percepção, pois as crianças são impedidas de tocarem a escultura, o que resulta na impossibilidade de explorar e conhecer o objeto em sua totalidade, limitando a exploração e construção de sentidos apenas ao campo visual, ao nível da percepção imediata.

Podemos dizer que a atitude da monitora obstaculizou à criança a elaboração mental de significados dos objetos culturais. De acordo com Luria (2010, p. 37), a “percepção é um todo complexo de atividades de exploração, de orientação a partir de ações que se formam sobre uma estrutura constituída de hipóteses e elaborações de probabilidades que impelem a tomada de decisões”. A percepção é um processo dinâmico, funcional e participativo de classificar informações novas em categorias conhecidas. Sem a possibilidade de manipular o objeto não há como estabelecer conexões de sentido e, portanto, não há condições de criar novas informações e conhecimento.

E o passeio continua. As crianças passam a outro pavilhão do museu.

Monitora: Aqui temos vários outros modelos de oratório, como mostrei pra vocês antes. Vocês sabem o que é isso aqui na vitrine?

Mateus: É roupa de padre...

Monitora: Agora vamos para o lado de lá que vou mostrar a vocês a outra vitrine de objetos sacros. Olhem! Isso aqui são todas roupas que os bispos usaram antigamente. Então aqui, ó, essa cor-de-rosa aqui se chama “capa de aspergis”... Alguém já foi na missa e viu aquela “aguinha” que o padre joga nos fiéis?

Ana: Eu, eu!!!

Monitora: Então, antigamente, quando o bispo usava essa roupa aqui, era para jogar água benta nas pessoas...

Ana: Isso é pecado...

Pesquisadora: O que é pecado, Ana?

Ana: Pecado porque não pode pôr a mão em nada aqui...

Pesquisadora: Mas só por isso?

Ana: Também porque o Diogo falou que essas roupas é tudo feia!

Pesquisadora: A Monitora nos disse que essas roupas eram dos bispos...vocês sabem o que são bispos?

Ana: Bispo é quase a mesma coisa que “bis”... [de chocolate]

[As crianças riem...]

Monitora: Olha só, crianças: não tem o padre lá na igreja onde você vai? Então, acima do padre tem o bispo...o bispo coordena todos os padres de todas as paróquias da cidade...das igrejas...

Mizael: Das igrejas?

Monitora: É... O bispo é um padre assim, mais graduado, mais experiente.

Ana: Ô, tia, o Diogo tá dizendo que essa botinha aqui é feia...

Monitora: Ah, você achou? [Risos.] Isso não é botinha, se chama “cáliga”.

Ana: E isso aqui? É um chapéu?

Monitora: Esse chapéu se chama “mitra”.

Mateus: E as luvas como chama?

Monitora: São luvas, mesmo...

Mateus: E o sapato?

Monitora: O sapato é um sapato normal, só porque ‘tá revestido de tecido, mas é um sapato normal.

Mateus: A tia Selma tem um desse... [As crianças riem]

Monitora: Ela tem sapatos, mas não é igual a esse... [Risos]⁴

A inclusão de formas simbólicas de mediação como a fala e o uso de signos, reconfigura a relação entre as funções de percepção, atenção, pensamento e memória, reconstituindo as bases sobre as quais esse processo se desenvolve. O campo sensorial em interação com o campo simbólico ou semântico, transforma a percepção imediata em percepção compreensiva, pela reestruturação sob as formas superiores de percepção verbalizada, pensamento verbal, atenção verbalizada e memória voluntária.

Para compreendermos os aspectos constituintes dessa elaboração mental como sendo a formação do reflexo subjetivo da realidade objetiva na mente da criança, necessitamos entender os processos funcionais que conferem existência objetiva ao reflexo generalizado da realidade na consciência.

A formação cultural da imagem subjetiva da realidade objetiva corresponde à transformação da estrutura psíquica natural, primitiva, em direção a novas e mais complexas estruturas. A construção da imagem psíquica, como fenômeno consciente denotativo do real, determina-se por uma conjugação, edificada pela *atividade humana*, de processos materiais e psicológicos e, não sendo mera estampagem da realidade objetiva, revela-se como alfa e ômega da relação homem/natureza, no que se inclui a sua própria natureza. A realidade objetiva refletida na forma de fenômenos psíquicos constitui a *subjetividade humana* como *reflexo psíquico da realidade*, ou, *imagem subjetiva da realidade objetiva* (Martins, 2015, p. 120, grifos do autor).

A idealização da imagem da realidade objetiva demanda a construção ativa de significados e generalizações cujo processo se estrutura pela inter-relação entre as funções psíquicas como a sensação, a percepção, a atenção, a memória, a linguagem, o pensamento, a imaginação, a emoção e o sentimento. Tomando como princípio fundamental a lei genética geral de Vygotskyi (2000, p.150) sobre o desenvolvimento humano, cada uma dessas funções psíquicas se constrói sob dois planos: inicialmente no plano social e, posteriormente, no plano psíquico, como categorias intersíquicas e intrapsíquicas, respectivamente.

⁴ Fonte: Dados da pesquisa (Costa, 2019).

Durante a explanação, a monitora faz menção a uma determinada categoria de “objetos sacros”, para a qual as crianças não tinham desenvolvido o conceito, o que pode ser percebido por suas falas. Para desenvolverem uma relação de significação com os objetos apresentados, as crianças buscavam aporte em características de semelhança com objetos conhecidos: a *capa de aspergis* com uma roupa de padre; a *cáliga* com uma botinha; a *mitra* com um chapéu. O vínculo entre a percepção e o significado é um processo característico da criança que tenta relacionar o objeto a algo conhecido, na tentativa de estabelecer relação de significado. Aqui também há a participação da memória.

A unidade entre percepção e significado também carece de expressão na percepção da criança pequena. O vínculo entre percepção e significado é uma peculiaridade própria à percepção do adulto. Assim, a *conquista de significação*, ou seja, a busca desse vínculo é um traço característico da percepção infantil. Na percepção desenvolvida nada é “primeiramente” captado sensorialmente para “depois” ser nominado e interpretado. Isso ocorre ao mesmo tempo e em unidade, tornando impossível a separação entre a percepção do objeto como tal e o significado que o objeto possui, isto é, entre a percepção imediata e a percepção categorial, de forma que a posse da significação do objeto se torna variável altamente interveniente na qualidade da percepção (Martins, 2015, p. 138, grifos do autor).

A percepção da criança difere da percepção do adulto pelo fato de que, na criança, está em formação a unidade entre o ato perceptivo e a elaboração do significado, o que representa uma conquista na qualidade da percepção infantil. A sensação e a percepção como funções de acesso inicial da criança ao mundo dos objetos e fenômenos, interconectada às demais funções, mediadas pela linguagem, promovem a formação de novas funções mentais complexas, as quais Vygotski (2001, p.366) chamou de sistemas psicológicos. Consoante com este autor, a capacidade simultânea de atribuir significado à percepção evidencia as transformações qualitativas das funções psíquicas decorrentes da inter-relação entre funções que, no caso da percepção, constituiu-se pela mescla entre percepção, fala e pensamento.

Ana traz elementos peculiares de significação, ao associar a vestimenta bispal *capa de aspergis* ao sentido que tem para ela a palavra *pecado* como algo proibido, por haver achado feia aquela vestimenta, apresentada como uma simbologia divinizada. Junte-se a isso o sentimento de desapontamento pela impossibilidade de tocar as peças como parte de construção de seu conhecimento sobre aquele objeto. O uso da palavra *pecado* corresponde ao significado do que é proibido, significado esse posto pela sociedade e assimilado por Ana.

A comparação entre a sonoridade das palavras bispo e chocolate bis, assim como a semelhança entre as vestimentas sacerdotais e as pessoas de seu entorno, denotam que o papel da memória em interação com a percepção infantil não se manifesta simplesmente pelo acréscimo de fragmentos do passado que vem a se unir com a unidade global do presente.

Vigotski explica que este processo de unificar os elementos das experiências passadas com as vivenciadas pela criança no presente, é um método que se constitui pela integração da palavra como mediadora do pensamento.

O novo método se fundamenta na inclusão de fórmulas de fala correspondentes a situações e atividades passadas em um único foco de atenção. [...] A fala dá forma à operação de acordo com leis distintas das que regem a ação direta, da mesma forma que funde, une, sintetiza o passado e o presente de maneira distinta, libertando a ação da criança da influência e do domínio da rememoração direta (Vigotski; Luria, 1984, p. 15).

Estabelecer relações entre o que é conhecido e experienciado pela criança, objetivado pela palavra, é o que possibilita a ela voltar sua atenção aos objetos, até então desconhecidos, na elaboração de significados que possam integrar os campos da percepção imediata inicial em direção à constituição de sentidos, os quais compõem a percepção compreensiva. Para isso, é necessário não apenas destacar as marcas sensoriais dos objetos culturais, mas a história que compõe a sua criação.

Em outro espaço do museu a monitora continua as explicações sobre a história e as funções dos objetos sacros em exposição

Monitora: Esse daqui, ó, é a visitação do Espírito Santo. A pomba representa o Espírito Santo, aqui são os crucifixos de vários tamanhos. Esse aqui é a *naveta*, o padre usa lá na igreja na hora do incenso, fica ali dentro.

Mizael: E esse?

Monitora: Esse daqui é um cálice.

Mizael: ‘Tá parecendo um prêmio!

Monitora: Esse daqui é uma “ambula”. Já foi na missa? Já viu isso daqui lá na mesa do padre?

Diogo: Parece um barco.

Monitora: Parece um barco mesmo, por isso se chama *naveta*.

Eduardo: O filme que eu ‘tava vendo, o homem pegou isso daqui e jogou água nele com isso. [Eduardo aponta para o objeto “asperge” utilizado para aspergir água benta nos fiéis...]

Monitora: Não, não é com isso, é com esse daqui, esse daqui, que é a caldeirinha de água benta, ó, lá que joga água. Esse aqui coloca a hóstia e esse daqui coloca o vinho, na hora da consagração.

Mizael: Eu já vi isso na televisão... Eles coloca o trem na mão e eles vai e põe na boca.

Monitora: É a hóstia. Não é assim, redondinha, branquinha? É a hóstia. Esse daqui é o crucifixo principal que os bispos, os padres usavam assim, igual eu uso o crachá, o bispo usa o crucifixo grandão. Esse aqui coloca a água e o vinho, depois mistura para colocar nessa pecinha aqui que eu falei para vocês, que é o cálice. Isso chama *naveteiro*.

Mizael: Ô, tia, esses trem tudo daqui é pra vendê? Essas coisa tá aqui pra vendê?

Monitora: Não, não é para vender, não, é para vocês conhecerem. No museu nada é de vender, é só para vocês conhecerem, porque tem muitas coisas aqui que vocês nunca viram, não é isso?

Mizael: É... Esses trem tudo aqui nós não viu, não. Que é a primeira vez que a gente vê isso tudo aqui...⁵

O processo de desenvolvimento humano é marcado por mudanças significativas das conexões e relações interfuncionais. A conexão entre a percepção e a linguagem propicia a passagem da percepção imediata do objeto com suas características sensoriais para a percepção categorial, que inclui esse objeto em determinada categoria de sentido e significado, evidenciando que surge

Uma conexão entre a linguagem ou a palavra e a percepção, que o curso normal da percepção na criança muda se olharmos essa percepção pelo prisma da linguagem, se a criança não se limita a perceber, senão que conta sua percepção. Vemos a cada passo que essas conexões interfuncionais existem necessariamente e que graças à aparição de novas conexões, de novas unidades entre a percepção e outras funções, se produzem importantíssimas mudanças, importantíssimas propriedades diferenciadoras da percepção do adulto desenvolvido, inexplicáveis se consideramos a evolução das percepções isoladamente e não como parte do complicado desenvolvimento da consciência em sua totalidade (Vygotski, 2001, p. 365-366; tradução nossa).

A unidade entre percepção e linguagem produz a internalização do campo visual. Esses itens correspondem às ações conjuntas necessárias à elaboração do significado não apenas do objeto em si, mas de sua funcionalidade social.

Como função superior, a função simbólica desenvolve-se em interconexão com as demais. No caso da experiência de visita ao museu, as crianças foram colocadas em contato com alguns objetos desconhecidos. Para elaborar os conceitos de representações desses objetos, acionavam os mecanismos funcionais advindos da relação sensório-motora da percepção mediados pela fala. As sensações representam um momento primordial na formação da imagem subjetiva da realidade porque funcionam como a porta de entrada do mundo na consciência. A criança, ao estabelecer comparações entre objetos conhecido e desconhecidos, não está simplesmente fazendo uma descrição, senão que está utilizando sua fala para articular a sua percepção, ao discriminar dentre o complexo global de objetos, os aspectos distintivos e incorporar um fator analítico à percepção, ao estabelecer relações de sentido do objeto com a vida, substituindo a estrutura natural da descrição por uma estrutura psicológica complexa e mediada.

A fala das crianças apresenta indícios sobre o modo como generalizam o conhecimento a respeito de alguns dos objetos culturais vistos pela primeira vez. Ao buscar as características

⁵ Fonte: Dados da pesquisa (Costa, 2019).

físicas dos objetos para estabelecerem uma relação de significados, como sinaliza a fala de Mizael, ao se referir ao *cálice* como um troféu ou prêmio, e a fala de Diogo comparando a *naveta* a um barco, é possível deduzir que essas crianças se encontram no nível de pensamento por complexo, em que o desenvolvimento do significado ocorre por via associativa, apoiado numa relação de semelhança entre características físicas dos objetos, e não em suas propriedades.

Vigotski (2010) explica essa característica peculiar do pensamento por complexo, nesta etapa do desenvolvimento infantil, pela função que a palavra desempenha. A criança pensa por imagens concretas, na forma em que se apresenta a realidade. A função da palavra, nesse momento, não é semântica, e sim nominativa, referencial. A palavra nomeia o objeto. Sendo assim, a transferência de nomes para novos objetos ocorre por via associativa.

Aqui a palavra não é lei de algum sentido a que esteja ligada no ato de pensamento, mas um dado sensorial do objeto, ligado por via associativa a outra coisa sensorialmente percebida. E uma vez que o nome está ligado por via associativa à coisa que nomeia, a transferência do nome costuma ocorrer por via de associações, cuja reconstrução é impossível sem um conhecimento exato da situação histórica do ato de transferência do nome (Vigotski, 2010, p. 215).

Para que fosse possível estabelecer comunicação com a monitora, as crianças buscaram referências materiais já conhecidos. O ato de compreensão ocorreu de maneiras diferentes para os indivíduos do diálogo, pelo uso da palavra como instrumento do pensamento. A monitora apresenta os nomes dos objetos em seu caráter semântico. Neste processo, ambos (monitora e objetos) estão imbuídos no contexto simbólico de produção e uso. A criança associa o nome às características sensoriais simples dos objetos. Assim, um nome definido por pensamento em complexos está em conformidade com determinados traços físicos do objeto, demandando, assim, o conhecimento prévio do contexto concreto de seu uso para que seja compreendido. A palavra necessita do objeto material para que a ideia seja comunicada.

O mesmo processo de generalização foi empregado por Ana ao se referir à *cáliga* como sendo uma botinha e à *mitra*, como um chapéu. Ana generalizou os objetos culturais a partir de categorias que conhece, mas, para a monitora, eram objetos carregados de simbologia sacra que não deveriam ser comparados aos objetos comuns do cotidiano da criança. Após isso, as crianças começaram a indagar se os demais objetos, como o chapéu e a luva, os sapatos, correspondiam ao mesmo grupo categorial de objetos que elas conheciam. O diálogo traz indícios demonstrativos do nível de pensamento em que se encontram os interlocutores: Ana estabelece conexões em nível sensorial, pela enumeração dos aspectos característicos dos objetos, enquanto a monitora encontra-se no nível simbólico dos significados destes.

Com o desenvolvimento da maturação orgânica dos processos psicofísicos em interação com as experiências sociais do indivíduo, novas conexões e relações são formadas, promovendo o estabelecimento de uma rede interfuncional, ou melhor, a interligação entre a sensação, a percepção e as demais funções psíquicas, permitindo a transformação da percepção sensorio-motora sob a forma primitiva e absoluta, em uma forma de captação sensorial relativa do objeto em seu caráter integral e de significação simultânea. A união entre a atividade prática e a palavra ou signo verbal representa um momento de transformação qualitativa no desenvolvimento intelectual da criança, produzindo uma reorganização no comportamento, pela mediação simbólica (Vygotski, 2000).

Existe uma estreita relação entre o signo e a atividade prática, constituída por um processo dinâmico de construção de significados e sentidos, que se transformam ao ponto de toda a ação prática ser conduzida por uma ideia, um pensamento, enfim, por signos.

Essa formação superior de pensamento verbal mediado pelo signo não se desenvolve por meio de hábitos ou técnicas externas, mas como resultado de transformações qualitativas, a partir de formas específicas de atividade prática, alcançadas de maneira singular por parte de cada indivíduo, em consonância com as condições de vida e de educação que lhes são disponibilizadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade do desenvolvimento do pensamento verbal está em apreender as transformações que vão ocorrendo no sistema psíquico, pela interação entre diferentes funções, como a percepção, a memória, o pensamento e a atenção, mediada pela ação da linguagem, por meio da apreensão de signos, e pelas novas estruturas de conexão que vão surgindo no próprio processo de desenvolvimento. Dada a sua complexidade, cada uma dessas funções psíquicas poderia ser tomada como objeto de estudo específico. Entretanto, as possibilidades alcançadas por essa atividade apontam para a interconexão entre a percepção, a memória, a atenção e o pensamento mediados pela linguagem na formação do pensamento verbal subsidiado pela formação da imagem simbólica do real no pensamento das crianças que participaram da visita ao museu, objetivados em suas falas, ações, reações e comportamentos diante dos objetos culturais que lhes eram apresentados.

Do ponto de vista histórico genético, é possível destacar indícios do desenvolvimento do processo de significação experienciado pelas crianças, que abarcam os planos filogenético ao demonstrar que os objetos não carregam em si a sua significação, sendo esta, produto da relação histórico social concreta, uma vez que o outro social é portador da significação. No plano ontogenético, há uma distinção entre as funções psíquicas elementares e as superiores, não sendo esta última transmitidas por vias hereditárias, necessitando a mediação de

instrumentos e signos para que se objetive em cada ser humano singular. E por último, no plano funcional, ao incorporar as formas simbólicas de atividades, o processo de desenvolvimento deixa de ser visto como evolução natural de formas inferiores em superiores, e passam a ser compreendidos como formas específicas de comportamento construídas no processo de desenvolvimento sociocultural da criança e que integra a linha externa de desenvolvimento com a linha interna, objetivadas na constituição da inteligência e da personalidade.

REFERÊNCIAS

COSTA, S. A. F. da. Um estudo sobre o desenvolvimento da função simbólica da consciência e o processo de humanização da criança na educação infantil. Tese (Doutorado em Educação), Unesp, Marília, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/191310>. Acesso em: 03 jul. 2023.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.

LURIA, A. R. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Trad. Diana Myriam Lichtenstein e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1987.

LURIA, A. R. *Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais*. tradução: Fernando Limongeli Gurgueira. 6. ed. São Paulo: Ícone, 2010.

MARTINS, L. M. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da Psicologia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica*. Campinas: Autores Associados, 2015.

PINO, A. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. *Cadernos CEDES*. Campinas: Papirus, n. 24, p. 32-43, 1991.

PINO, A. *As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez, 2005.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas*. 2. ed. Madrid: Machado Libros, 2001. v. 2.

VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas*. 2. ed. Madrid: Aprendizaje Visor. 2000. v. 3.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R., *Funktsiya znakov v razvitii vysshikh psikhicheskikh protsessov*. In: *Orudiye i znak v razvitii rebenka* [Instrumento e signo no desenvolvimento infantil]. Traduzido por Bruno Bianchi. Moscou: Pedagogika, 1984. Escrito originalmente em 1930. Disponível em: <https://medium.com/katharsis>. Acesso em: 03 jul. 2023.

SOBRE A AUTORA

Selma Aparecida Ferreira da Costa realiza estágio de Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba, com financiamento da Capes/Brasil. Doutora em Educação (Unesp); Mestre em Educação (Unibe). Especialista em Gestão e Supervisão Escolar. Graduada em Letras Português/Espanhol e em Pedagogia. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas Infância e Contextos Educativos: abordagens teórico-metodológicas, multidisciplinares e práticas pedagógicas (GEPICE/Unibe). Participa como pesquisadora do Laboratório de Didática e Formação docente (LADIF/Unipam); e no Grupo de Estudos e de Pesquisa em Especificidades da Docência na Educação Infantil (GEPEDDI/Unesp). Atua como docente no Departamento de Formação Profissional de Professores - CAED, da Secretaria Municipal de Educação. Desenvolve estudos e pesquisas na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com ênfase nos processos de desenvolvimento humano na Infância; de ensino aprendizagem e apropriação da Linguagem Escrita.

Email: sfc.selma.costa@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4778-6077>

Recebido em 20 de outubro de 2023

Aprovado em 28 de janeiro de 2014

Publicado em 19 de abril de 2024